



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Formação de Professores e Desafios da Escola no Século XXI

Sinop, v. 7, n. 2 (19. ed.), p. 469-485, jun./jul. 2016

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

ADAPTAÇÃO DE BEBÊS NA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

Lariza Worst

Universidade do Estado do Mato Grosso, Sinop/MT-Brasil

RESUMO

Este artigo discute a importância do período da adaptação da criança e o seu desenvolvimento na Educação Infantil. A pesquisa de campo realizou-se em uma creche Municipal por meio de observação e teve como objetivo vivenciar os cuidados básicos e identificar as estratégias da creche durante o período de adaptação. Conclui-se que a criança deve ser constantemente estimulada a superar seus desafios, partindo desse pressuposto, a creche, em suas atividades, deve mediar essa estimulação no trato das crianças nos primeiros meses de vida.

Palavras-chave: Educação Infantil. Adaptação. Crianças. Estratégias.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta um estudo sobre o período de adaptação de bebês na Educação Infantil, e como este processo é sentido na relação com os bebês. Segundo Rapoport, (2005, p. 26) “a adaptação de um bebê nunca é igual à outra, sendo necessário muitas vezes, adequarem-se os procedimentos de adaptação às particularidades de cada criança”. Sabemos que a inserção desses bebês na creche tem alguns aspectos delicados, pois existem alguns fatores a ser considerados, como a separação precoce entre pais e bebês. A pesquisa foi realizada em uma escola de Educação Infantil da rede pública do município de Sinop-MT, na qual pude

¹ Este Artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **PRIMEIRAS VIVÊNCIAS DE BEBÊS NA CRECHE: o cuidar e o educar na educação infantil**, sob orientação do Dr. Marion Machado Cunha, curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Sinop, 2015/2.

vivenciar esses momentos durante os estágios curriculares obrigatórios, desde o início do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT), campus de Sinop. Observações, conversas informais com mães de crianças da turma do berçário, crianças de seis meses a um ano e meio, e com as pedagogas responsáveis por esse período integral em que as crianças ficam cerca de dez horas na instituição.

O embasamento teórico sobre as diversas opções de cuidados para os bebês e ainda a relação educador-bebê e como se caracteriza essa relação e o ingresso do bebê na creche servirá para pensarmos sobre a relevância desse período essencial que é a adaptação.

A pesquisa tenciona saber como esse período é vivido pelo que fazem parte dele em especial o bebê, saber quais as práticas pedagógicas são mobilizadas e direcionadas para bebês na creche que relações se produzem na interface entre o educar e cuidar para essas crianças?

Neste sentido Bassedas, assim se manifesta:

Assim, aprender e ensinar na educação infantil quer ser um instrumento útil de reflexão, análise e otimização da prática educativa que é dirigida a crianças que, desde os três meses até os seis anos, participam de uma vida escolar. (BASSEDAS, 1999, p. 15).

Podemos pontuar ainda sentimentos dos pais sobre o ingresso do filho na creche, a idade e temperamento da criança. Um fator que pode influenciar nas reações do bebê durante o período de adaptação é a forma como a família, principalmente a mãe, trata seu bebê em casa, e quando passa a frequentar a educação infantil encontra uma rotina diferente daquela que está habituado.

2 ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO

O processo de adaptação é bem complexo, e que envolve todos a sua volta, no entanto ainda é difícil, uma definição precisa desse processo, para alguns autores como Vitória e Rossetti-Ferreira, (1993) esse período inicia-se desde o momento que os pais decidem e buscam pela creche, e as primeiras impressões influenciam diretamente na forma como estes vão se relacionar com esse novo

espaço. Contudo, autores como Bloom-Feshbach e Gaughram, (1980, citado em Rapoport e Piccinini, 2001, p. 85), dizem que adaptação o se da do “momento de ingresso da criança na creche até o final do primeiro mês”. Já Fein (1995, citado em RAPOPORT; PICCININI, 2001), ressalta que o período de adaptação não tem período preestabelecido, podendo variar do terceiro e o sexto mês após a idade criança a creche. Portanto não há como determinar o tempo que vai levar o processo de adaptação de cada criança, pois envolve vários fatores, incluindo o temperamento de cada criança, então podem ocorrer ao longo desse processo diversas variações “podendo variar amplamente de caso para caso” (RAPOPORT, 2005, p. 11), e enfatizo que muitas vezes mesmos depois que os educadores já consideram o bebê adaptado, “fatores externos ou do próprio desenvolvimento do bebê podem levar o processo a recomeçar” (p. 11). “Em seu livro a autora nos conta que existe creches onde os pais “não podem passar da porta” e “já no primeiro dia, entregam seus filhos às educadoras” na entrada da creche e simplesmente,” vão embora, dessa forma ocorrendo uma separação brusca na vida da criança” (p. 11-12) que de certa forma “sozinha” digamos assim, por não ter ninguém “conhecido”, “passa a ter de se acostumar, forçosamente, com um ambiente e com pessoas que nunca viu” (p. 12). Já outras creches, Rapoport, (2005), “mesmo dizendo realizar o processo de adaptação” (p. 12), acabam por interferir de forma rústica na separação mãe/bebê, porque “retiram os bebês dos braços da mãe, deixando-as ansiosa e eles chorando” (p. 12).

É preciso que todos os envolvidos na instituição, estejam cientes desse processo e que não o considerem “como um fato comum, rotineiro, que não exige preparo e acompanhamento” (RAPOPORT, 2005, p.32). Pois uma vez considerados corriqueiros como a própria autora coloca, “o tempo e o ritmo da instituição é que determinam a duração do período de adaptação” (RAPOPORT, 2005 p. 12), não considerando o tempo de cada criança. E muitas vezes os pais não podem fazer o processo de adaptação, devido ao trabalho ou outros fatores, pois (a maioria procura a creche para poder trabalhar, estudar, ou exercerem alguma atividade fora do ambiente doméstico). Contudo, para Rapoport, (2005) muitos pais ao procurarem a creche não estão cientes dessas questões em relação ao seu próprio filho, e conseqüentemente não estão preparados para enfrentar esses momentos, de “conflitos e emoções difíceis” (p. 12) que acontecem na hora dessa separação.

A adaptação: é processo fundamental para a integração de criança na creche. Estudar a adaptação do bebê à creche significa investigar uma fase difícil entre os três principais eixos dessa relação, o bebê, a família e o educador, o que significa dizer que é explorar um conjunto de reorganizações, numa época de uma série de transformações pessoais e coletivas. Para Novaes, (1976, p. 17) a adaptação “relaciona-se as modificações necessárias do indivíduo para responder a circunstâncias, sugerindo vinculação do indivíduo com o meio, e como tal, implica processo dinâmico referente a tais condições”. Adaptação segundo a autora seria o processo que a criança passa até dominar o meio ao qual foi inserida, considerando que na creche há limite e objetivos a serem alcançados, é uma troca em que todos se adaptam e são adaptados, na creche essa adaptação segue um padrão como nos esclarece Vitória e Rosseti-Ferreira, (1993, p. 60):

O choro da criança nos primeiros dias é, sem dúvida, a reação que provoca a maior ansiedade nos pais e educadores. Quando não existe um trabalho orientado para auxiliar no processo de adaptação, os educadores acham, muitas vezes, que essa é inevitável, sendo mais aconselhável não lhe dar muita atenção, pois senão o choro se prolonga, e a criança pode virar manhosa, querendo sua atenção a toda hora, o que é impossível na creche. Desta forma permanecem passivos frente ao choro, acreditando que com o tempo a criança se acostuma e para de chorar até por esgotamento físico e emocional.

Na creche a criança passara por novas situações, esse processo é difícil e requer muito cuidado, e atenção não só a crianças mais como também ao educador, pois ele também se adapta a essa criança. O educador passará a cuidar e a desenvolver atividades com a criança, portanto precisará adaptar-se a uma série de novidades, já que há um conjunto de características pessoais dessa criança que são específicas e devem ser respeitadas, valorizadas e, eventualmente, modificadas. Segundo Rossetti-Ferreira et al., (1994), alguns educadores trazem consigo suas próprias experiências, seja quanto aos cuidados com os filhos, ou de conceitos culturais e expectativas quanto ao seu papel de educador. A respeito desse papel, inicia-se o educar e o cuidar essenciais que são pilares importantíssimos na adaptação na creche a relação educadora-criança são embasadas nos alicerces do educar e o cuidar como colabora Vinnicott (1975 p. 104):

Seria quase desnecessário lembrar-lhes que as crianças pequenas precisam de total assistência e não podem progredir por iniciativa própria. Tem de ser seguras, transportadas, levadas, alimentadas, mantidas na temperatura certa e protegidas de correntes de ar e de pancadas.

E saliento que esse cuidar pedagógico não meramente o cuidar pelo cuidar, ele vai muito além, como Saitta (2006, p. 99) esclarece:

Uma conotação particular distingue o trabalho de cuidar da professora daquele da mãe: é intencional, é apoiado em uma consciência e em uma capacidade de saber lidar com a imprevisibilidade que comporta a relação com o outro, sobretudo se o outro é uma criança. Uma comum interpretação vê no trabalho de cuidar uma interminável rotina, um proceder cotidiano desgastante pelo senso de inutilidade que acompanha o fazer coisas que se desfazem continuamente, uma busca de organizar a desordem que se cria continuamente.

Não se trata de cuidar por cuidar, em cada gesto, em cada cuidado que se tem com a criança pequena, há muito a se ensinar, desde as pequenas, coisas, como ensiná-los há levar a mamadeira a boca, ou a colher, portanto cada gesto é também aprendizado.

O cuidar dentro da creche é planejado, pensado, e intencional, difere-se do cuidar por cuidar, sem objetivos a serem previamente alcançados, requer a elaboração de planos com propósitos precisos, diferente dos pensam aqueles que não têm um entendimento em relação ao trabalho de educadores de creche, que julgam que qualquer pessoa pode “cuidar” de uma criança, “o cuidar na creche é projetado, é parte integrante do percurso pedagógico e representa um sinal de distinção e um grande recurso em termos de especificidade educativa” (SAITTA, 2006, p. 99).

Segundo Rizzo, quanto a esse período de adaptação “é sempre uma experiência dolorosa para a criança” ele pode ser “mais ou menos longo e durar até mesmo poucas horas, mas sempre existe” (RIZZO, 2006, p. 161). Contudo a adaptação ao novo ambiente, algumas creches utilizam-se de estratégias que podem facilitar esse processo, uma estratégia bastante usada é presença dos pais, geralmente da mãe, permanecendo na creche durante os primeiros dias; quando isso não é possível considerando que a maioria trabalha, pede-se algum objeto seja da criança em casa ou mesmo da mãe tais como toalhas, uma peça de roupa etc. Outra estratégia é deixar a criança inicialmente poucos períodos na creche

aumentando de forma gradual a permanência na creche; estabelecer um horário de chegada e saída. Essas são, entre outras estratégias, objetivam serem facilitadores no processo de adaptação.

É imprescindível ressaltar nem tudo que dará certo com um determinado bebê dará certo com outro, é fundamental que o educador tenha “ bom senso e sensibilidade para avaliar e orientar o programa de adaptação de acordo com cada caso” (RIZZO, 2006, p. 160).

Veamos as vertentes antagônicas das estratégias das autoras, Rapoport (2005) e Rizzo (2006), para primeira respectivamente, o mais apropriado a se fazer é entrevistar os pais antes da inserção do bebê a creche, a fim de colher informações sobre o desenvolvimento do bebê, hábitos, alimentação, sono, e outros. É evidente que este momento também serviria para os pais se informarem sobre as normativas e procedimentos da creche, seria o momento propício para que um conhecesse o outro, e conseqüentemente saber sobre as possíveis reações que podem surgir, essas reações podem surgir, “por parte deles e das crianças” (RAPOPORT, 2005, p.14), talvez assim os pais cientes de como se dar o processo não hesitariam em participar, uma vez que saberiam quão é necessária à participação deles nesse desenvolvimento. Segundo a mesma os próprios pais poderiam levar a criança para ir conhecendo a creche, fazendo com que ela fosse se familiarizando com a creche assim durante o período de adaptação, não estranhariam tanto o novo ambiente, suas educadoras e os outros profissionais.

Rapoport afirma que pelos menos nos primeiros dias os pais ou responsáveis fiquem se não o período todo, mais pelo mesmo algumas horas, e assim que possível se afastem mais de maneira que o bebê possa vê-lo, e vá se afastando aos poucos. Rapoport (2005, p.12) enfatiza que os pais, “nunca devem sair escondidos, sem se despedirem”, pois a criança pode se sentir insegura, e não confiar, acarretando “uma quebra de confiança na criança” (p. 13). Essa estratégia viabiliza um conforto no bebê e na mãe durante o período de adaptação, fazendo mãe e bebê se separarem gradativamente. A autora ainda salienta que durante essa estratégia as educadoras, juntamente com a equipe da creche podem organizar os horários, inicialmente reduzidos a carga horária da creche que pode, “inicia-se com um período de duas horas por alguns dias” (RAPOPORT, 2005, p. 14), e aumentando à medida que o bebê vai se adaptando.

Na perspectiva de Rizzo (2006), deve se observar inicialmente em que fase o bebê se encontra, por exemplo, mesmo que bebê tenha de quatro a seis meses, e tenha começado a frequentar a creche, se ele não apresentou problemas para se adaptar então ela sugere que a mãe fique no máximo três dias na creche, podendo a partir desse tempo já, ir pensando na separação total, ou seja, sem que a mãe precise ficar tempo nenhum na creche, ainda segundo a autora, esse tempo também se torna suficiente para que as educadoras estabeleçam as primeiras relações, e aprendam com a mãe sobre as características do bebê, se o bebê for mais velho, por exemplo, de quinze a dezenove meses, pode se estender o tempo, para uns quinze dias, pois eles apresentam maior necessidade da mãe. A autora acrescenta que essa permanência da mãe na sala, pode adiar ou mesmo estender processo de adaptação, e ainda poderá atrapalhar o processo das outras crianças, Rizzo (2006, p. 58) “o importante é que a criança saiba onde a mãe está, e tenha a permissão de ir e vir, da sala até ela, quantas vezes precisar. Se possível, a mãe deve ficar visível próxima à entrada da sala”, mas a mesma explica que se o período não for suficiente, pode-se aumentá-lo, o importante é que seja completo, a autora enfatiza que a permanência do bebê deve ir aumento aos poucos, à medida que a criança vai se adaptando, e que deve -se utilizar da sensibilidade, e da observação, pois cada criança reagirá a esse processo de maneira bem peculiar. Rizzo (2006) diz que algumas crianças levam cerca de quinze dias, outras podem demorar menos, por isso a professora deve se atentar para cada criança e perceber o tempo de cada uma. Portanto considerando que podem apresentar reações variadas, as crianças dão sinais de como estão enfrentando esse processo, um dos sinais mais característicos é o choro. Mais há também, os gritos, deitar se no chão e rolassem, outras podem ter variações de humor, ou bater em quem estar a sua volta, não querer comer a alimentação ofertada, ou mesmo não conseguir descansar (dormir). Todas essas, podem deixar o bebê vulnerável, podendo apresentar sintomas físicos, ou doenças, sobre esse fator Rizzo corrobora nos dizendo que:

Quando a criança enfrenta muitas dificuldades para afastar-se de sua mãe, [...], ela sofre muito e somatiza isso, podendo apresentar sintomas físicos, como: febre, vômitos, diarreias, tosse nervosa, bronquite de fundo nervoso, alergias etc. todos esses sintomas devem nos alertar para possíveis desajustamentos da criança a nova situação, mesmo que ela não apresente choro na creche (RIZZO, 2006, p. 161).

Por isso é imprescindível que todos os envolvidos estejam atentos a essas reações, e as consequências que elas podem trazer para o bebê. Mas há também bebês que podem não apresentar tais reações, como já havia aludido anteriormente: cada caso é um caso, pode ser que a criança apresente outras reações como, por exemplo, não interagir, não brincar, mesmo que não chore. Disso, é bom sempre observar, pois o fato de não expressar-se com o choro, não quer dizer que ela esteja se sentindo bem no novo ambiente, pode ser que sua maneira de reagir não seja igual aos das demais. Rizzo (2006, p. 159) chama a atenção: “a criança que fica na creche sem brincar, deve receber muita atenção da educadora, pois também não está feliz, nem adaptada, somente a sua forma de reagir e expressar angústia e sofrimento é diferente.” Então o fato de não chorar nem gritar, também requer atenção, e não deve ser interpretado como, se a criança estivesse bem, principalmente nos primeiros dias do processo.

Todavia todas essas reações são esperadas, dentro do processo, não devendo ser motivo de espanto, principalmente por parte dos pais. Inclusive para determinar esse processo devemos considerar diversos fatores, como o tempo que a criança, está na creche, à questão da chegada, e da saída, entre outros, o importante é sabermos que esse processo não está restrito aos primeiros dias, ele pode se estender até por meses, dependendo da criança. Uma boa adaptação pode significar que esse processo de separação entre o bebê e os pais se deu de forma positiva para ambos.

Destaco ainda que inserido neste processo de adaptação estão as especificidades das ações pedagógicas, que viabilizam esse processo, embora saliento que essa ação se inicia desde o primeiro contato da educadora com o bebê, essas ações onde a mesma já começa a construir o contexto a qual o bebê fará parte, tais ações envolvem: organização do ambiente; uso do tempo; a escolha dos materiais pedagógicos que serão utilizados; escolhas das atividades; e a organização da rotina; a observação e o acolhimento.

O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa com enfoque etnográfico, de cunho social, com as pedagogas da creche. A pesquisa etnográfica auxilia na compreensão dos fenômenos de forma aprofundada, e ao mesmo tempo com sensibilidade, permitindo da observação e análise do meio onde esses bebês

estão inseridos, segundo Menga e Ludke (1986 p. 38) “O que caracteriza mais fundamentalmente a pesquisa do tipo etnográfico é primeiramente um contato direto e prolongado do pesquisador com a situação e as pessoas ou grupos selecionados”, no caso o grupo selecionado é uma sala de berçário.

Este tipo de pesquisa me colocou em contato com os bebês e suas educadoras. Através da observação em sala, e dos momentos informais extrassala, estabelecendo um contato próximo, para que elas se sintam a vontade para conversarmos, sobre seus objetivos, suas estratégias em relação à adaptação, em fim conhecendo-as e interagindo com elas e com os bebês, fazendo reflexões e análises posteriores. Posto que sobre este tipo de pesquisa Gómez corrobora:

Quando nos referimos a etnografia a entendemos como o método de investigação pela qual se compreende o modo de vida de uma unidade social concreta. Através da etnografia se busca a descrição ou reconstrução analítica de caráter interpretativo da cultura. Mas também, sob o conceito de etnografia, nos referimos ao produto do processo de investigação: um escrito etnográfico, um retrato do modo de vida de uma unidade social. Uma família, uma escola, uma classe, um grupo de professoras são alguns exemplos de unidades sociais educativas que se pode descrever etnograficamente. (1996, p. 44).

O período de adaptação do bebê na creche, é um período muito complicado, podemos dizer que um fenômeno que ocorre dentro de uma organização educacional, ou seja, a creche, a pesquisa caracteriza-se ainda como qualitativa, pois o foco maior é compreender o processo de adaptação, de modo que na qualidade de investigadora analiso as relações diversas existentes, nesse processo, pois há aspectos que diferenciam pesquisas de cunho qualitativo, e as de cunho quantitativo, Stake (1999) esclarece a respeito das diferenças existente em pesquisa qualitativa e quantitativa:

A distinção fundamental entre investigação quantitativa e investigação qualitativa, baseia-se no tipo de conhecimento que se pretende. Ainda que pareça estranho a distinção não está relacionado diretamente com a diferença entre os dados quantitativos e dados qualitativos, mas sim com uma diferença entre a busca de causas e a busca de acontecimentos. Os investigadores quantitativos destacam a explicação e o controle; os investigadores qualitativos a compreensão das relações complexas existentes. (p. 42).

Portanto os métodos da pesquisa são essenciais para seu desenvolvimento e resultados posteriores. A pesquisa foi realizada no Centro de Educação Infantil de Toda Gente no Município de Sinop - MT, em uma turma de berçário, em que fui estagiária, com crianças de seis meses a um ano e meio de idade. O Centro possui seis salas e atende cerca 120 crianças nos períodos matutino e vespertino e integral. O corpo discente é composto por professoras, algumas trabalham quarenta horas semanais, e outras trinta horas. Há também bolsistas do CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola), técnicas e bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência, programa esse ofertado pela Universidade do Estado do Mato Grosso. Para que acadêmicas do curso de Licenciatura em Pedagogia possam vivenciar a prática da profissão) que se revezam nas salas, para o melhor atendimento as crianças. A escola atende principalmente as crianças do bairro onde fica localizada devido ao processo de zoneamento que consiste em matricular as crianças o mais próximas possível de suas residências.

3 A ADAPTAÇÃO: processo fundamental para a integração de criança na creche

Estudar a adaptação do bebê à creche significa investigar uma fase difícil entre os três principais eixos dessa relação, o bebê, a família e o educador, o que significa dizer que é explorar um conjunto de reorganizações, numa época de uma série de transformações pessoais e coletivas. Para Novaes (1976, p. 17) afirma que adaptação “relaciona-se as modificações necessárias do individuo para responder a circunstâncias, sugerindo vinculação do individuo com o meio, e como tal, implica processo dinâmico referente a tais condições”. Adaptação segundo a autora seria o processo que a criança passa até dominar o meio ao qual foi inserida, considerando que na creche há limite e objetivos a serem alcançados, é uma troca em que todos se adaptam e são adaptados, na creche essa adaptação segue um padrão como nos esclarece Vitória e Rosseti-Ferreira (1993, p. 60).

O choro da criança nos primeiros dias é, sem dúvida, a reação que provoca a maior ansiedade nos pais e educadores. Quando não existe um trabalho orientado para auxiliar no processo de adaptação, os educadores acham, muitas vezes, que essa é inevitável, sendo mais aconselhável não lhe dar muita atenção, pois senão o choro se prolonga, e a criança pode virar

manhosa, querendo sua atenção a toda hora, o que é impossível na creche. Desta forma permanecem passivos frente ao choro, acreditando que com o tempo a criança se acostuma e para de chorar até por esgotamento físico e emocional.

Na creche a criança passara por novas situações, esse processo é difícil e requer muito cuidado, e atenção não só a crianças mais como também ao educador, pois ele também se adapta a essa criança. O educador passará a cuidar e a desenvolver atividades com a criança, portanto precisará adaptar-se a uma série de novidades, já que há um conjunto de características pessoais dessa criança que são específicas e devem ser respeitadas, valorizadas e, eventualmente, modificadas. Segundo Rossetti-Ferreira et al., (1994), alguns educadores trazem consigo suas próprias experiências, seja quanto aos cuidados com os filhos, ou de conceitos culturais e expectativas quanto ao seu papel de educador. A respeito desse papel, inicia-se o educar e o cuidar essenciais que são pilares importantíssimos na adaptação na creche a relação educadora-criança são embasadas nos alicerces do educar e o cuidar como colabora Vinnicott (1975, p. 104).

Seria quase desnecessário lembrar-lhes que as crianças pequenas precisam de total assistência e não podem progredir por iniciativa própria. Tem de ser seguras, transportadas, levadas, alimentadas, mantidas na temperatura certa e protegidas de correntes de ar e de pancadas.

E saliento que esse cuidar pedagógico não meramente o cuidar pelo cuidar, ele vai muito além, como Saitta (2006, p. 99) esclarece:

Uma conotação particular distingue o trabalho de cuidar da professora daquele da mãe: é intencional, é apoiado em uma consciência e em uma capacidade de saber lidar com a imprevisibilidade que comporta a relação com o outro, sobretudo se o outro é uma criança. Uma comum interpretação vê no trabalho de cuidar uma interminável rotina, um proceder cotidiano desgastante pelo senso de inutilidade que acompanha o fazer coisas que se desfazem continuamente, uma busca de organizar a desordem que se cria continuamente.

Não se trata de cuidar por cuidar, em cada gesto, em cada cuidado que se tem com a criança pequena, há muito a se ensinar, desde as pequenas, coisas, como ensiná-los há levar a mamadeira a boca, ou a colher, portanto cada gesto é também aprendizado,

O cuidar dentro da creche é planejado, pensado, e intencional, difere-se do cuidar por cuidar, sem objetivos a serem previamente alcançados, requer a elaboração de planos com propósitos precisos, diferente dos pensam aqueles que não têm um entendimento em relação ao trabalho de educadores de creche, que julgam que qualquer pessoa pode “cuidar” de uma criança, “o cuidar na creche é projetado, é parte integrante do percurso pedagógico e representa um sinal de distinção e um grande recurso em termos de especificidade educativa” (SAITTA, 2006, p. 99).

Segundo Rizzo, quanto a esse período de adaptação “é sempre uma experiência dolorosa para a criança” ele pode ser “mais ou menos longo e durar até mesmo poucas horas, mas sempre existe” (RIZZO, 2006, p. 161). Contudo a adaptação ao novo ambiente, algumas creches utilizam-se de estratégias que podem facilitar esse processo, uma estratégia bastante usada é presença dos pais, geralmente da mãe, permanecendo na creche durante os primeiros dias; quando isso não é possível considerando que a maioria trabalha, pede-se algum objeto seja da criança em casa ou mesmo da mãe tais como toalhas, uma peça de roupa etc. Outra estratégia é deixar a criança inicialmente poucos períodos na creche aumentando de forma gradual a permanência na creche; estabelecer um horário de chegada e saída. Essas são, entre outras estratégias, objetivam serem facilitadores no processo de adaptação.

É imprescindível ressaltar que, nem tudo que dará certa com um determinado bebê dará com outro, é fundamental que o educador tenha “ bom senso e sensibilidade para avaliar e orientar o programa de adaptação de acordo com cada caso” (RIZZO, 2006, p. 160).

Vejamos as vertentes antagônicas das estratégias das autoras, Rapoport (2005) e Rizzo (2006), para primeira respectivamente, o mais apropriado a se fazer é entrevistar os pais antes da inserção do bebê a creche, a fim de colher informações sobre o desenvolvimento do bebê, hábitos, alimentação, sono, e outros. É evidente que este momento também serviria para os pais se informarem sobre as normativas e procedimentos da creche, seria o momento propício para que um conhecesse o outro, e conseqüentemente saber sobre as possíveis reações que podem surgir, essas reações podem surgir, “por parte deles e das crianças.” (RAPOPORT, 2005, p. 14), talvez assim os pais cientes de como se dar o processo

não hesitariam em participar, uma vez que saberiam quão é necessária à participação deles nesse desenvolvimento. Segundo a mesma os próprios pais poderiam levar a criança para ir conhecendo a creche, fazendo com que ela fosse se familiarizando com a creche assim durante o período de adaptação, não estranhariam tanto o novo ambiente, suas educadoras e os outros profissionais.

Rapoport afirma que, pelos menos nos primeiros dias os pais ou responsáveis fiquem se não o período todo, mais pelo mesmo algumas horas, e assim que possível se afastem mais de maneira que o bebê possa vê-lo, e vá se afastando aos pouco. Rapoport (2005, p.12) enfatiza que os pais, “nunca devem sair escondidos, sem se despedirem”, pois a criança pode se sentir insegura, e não confiar, acarretando “uma quebra de confiança na criança” (p. 13). Essa estratégia viabiliza um conforto no bebê e na mãe durante o período de adaptação, fazendo mãe e bebê se separarem gradativamente. A autora ainda salienta que durante essa estratégia as educadoras, juntamente com a equipe da creche podem organizar os horários, inicialmente reduzidos a carga horária da creche que pode, “inicia-se com um período de duas horas por alguns dias” (RAPOPORT, 2005, p. 14), e aumentando à medida que o bebê vai se adaptando.

Na perspectiva de Rizzo (2006), deve se observar inicialmente em que fase o bebê se encontra, por exemplo, mesmo que bebê tenha de quatro a seis meses, e tenha começado a frequentar a creche, se ele não apresentou problemas para se adaptar então ela sugere que a mãe fique no máximo três dias na creche, podendo a partir desse tempo já, ir pensando na separação total, ou seja, sem que a mãe precise ficar tempo nenhum na creche, ainda segundo a autora, esse tempo também se torna suficiente para que as educadoras estabeleçam as primeiras relações, e aprendam com a mãe sobre as características do bebê, se o bebê for mais velho, por exemplo, de quinze a dezenove meses, pode se estender o tempo, para uns quinze dias, pois eles apresentam maior necessidade da mãe. A autora acrescenta que essa permanência da mãe na sala, pode adiar ou mesmo estender processo de adaptação, e ainda poderá atrapalhar o processo das outras crianças, Rizzo (2006, p. 58) “o importante é que a criança saiba onde a mãe está, e tenha a permissão de ir e vir, da sala até ela, quantas vezes precisar. Se possível, a mãe deve ficar visível próxima à entrada da sala”, mas a mesma explica que se o período não for suficiente, pode-se aumentá-lo, o importante é que seja completo, a autora enfatiza

que a permanência do bebê deve ir aumento aos poucos, à medida que a criança vai se adaptando, e que deve -se utilizar da sensibilidade, e da observação, pois cada criança reagirá a esse processo de maneira bem peculiar. Rizzo (2006) diz que algumas crianças levam cerca de quinze dias, outras podem demorar menos, por isso a professora deve se atentar para cada criança e perceber o tempo de cada uma. Portanto considerando que podem apresentar reações variadas, as crianças dão sinais de como estão enfrentando esse processo, um dos sinais mais característicos é o choro. Mais há também, os gritos, deitar se no chão e rolassem, outras podem ter variações de humor, ou bater em quem estar a sua volta, não querer comer a alimentação ofertada, ou mesmo não conseguir descansar (dormir). Todas essas, podem deixar o bebê vulnerável, podendo apresentar sintomas físicos, ou doenças, sobre esse fator Rizzo (2006, p. 161) corrobora nos dizendo que:

Quando a criança enfrenta muitas dificuldades para afastar-se de sua mãe, [...], ela sofre muito e somatiza isso, podendo apresentar sintomas físicos, como: febre, vômitos, diarreias, tosse nervosa, bronquite de fundo nervoso, alergias etc. todos esses sintomas devem nos alertar para possíveis desajustamentos da criança a nova situação, mesmo que ela não apresente choro na creche.

Por isso é imprescindível que todos os envolvidos estejam atentos a essas reações, e as consequências que elas podem trazer para o bebê. Mas há também bebês que podem não apresentar tais reações, como já havia aludido anteriormente: cada caso é um caso, pode ser que a criança apresente outras reações como, por exemplo, não interagir, não brincar, mesmo que não chore. Disso, é bom sempre observar, pois o fato de não expressar-se com o choro, não quer dizer que ela esteja se sentindo bem no novo ambiente, pode ser que sua maneira de reagir não seja igual aos das demais. Rizzo (2006, p. 159) chama a atenção: “a criança que fica na creche sem brincar, deve receber muita atenção da educadora, pois também não está feliz, nem adaptada, somente a sua forma de reagir e expressar angustia e sofrimento é diferente.” Então o fato de não chorar nem gritar, também requer atenção, e não deve ser interpretado como, se a criança estivesse bem, principalmente nos primeiros dias do processo.

4 CONCLUSÃO

A Educação Infantil está em pleno processo de transformação, bem como outras demandas da sociedade, os educadores estão se qualificando para atender essa demanda, não só no que corresponde a graduação, mas também com formações continuadas estas muitas vezes dentro da própria instituição. Considerando as observações na creche pesquisada, observei que as práticas educativas estão presentes desde os cuidados básicos como a higienização, atividades essas que fazem parte da rotina da creche, até as socializações intermediadas pela professora.

A presente pesquisa analisou durante as observações o período de adaptação, bem como o cuidar e o educar dos profissionais, que pode influenciar no desenvolvimento das crianças, propiciando uma adaptação menos dolorosa, sejam com ambientes diversificados com músicas, jogos, brinquedos entre outros, para que essa estadia da criança na creche seja harmoniosa. Essa análise me fez perceber que a dedicação desses profissionais é essencial para viabilizar esse processo de adaptação pelo qual a criança passa como também não deixa ser adaptação para esses profissionais, eles também têm de se adaptar a cada criança, cada um com suas particularidades. Outro aspecto primordial que pude presenciar foi à flexibilidade dos profissionais no atendimento as crianças que têm seus próprios ritmos e tempo para esse processo, pois elas precisam se sentir seguras.

Concluo ainda que não há um tempo pré-estabelecido para adaptar-se, que esse tempo varia de criança para criança considerando que cada uma tem seu próprio ritmo. Contudo ressalto a importância da creche quanto à intermediação desse tempo, a creche proporciona novos espaços a serem explorados, estimulando-as quanto à criatividade, bem como suas interações.

BABIES ADAPTATION IN CHILD EDUCATION

ABSTRACT²

² Resumo traduzido por Antonio Cesar Gomes da Silva, graduado em Licenciatura em Letras pela UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso, professor na Escola Municipal Belo Ramo e Escola Estadual Enio Pepino.

This work shows the importance of the child's adaptation period and its development in child education. The fieldwork took place in a municipal kindergarten through observation and his intention was to experience the basic care and identify strategies for nursery during the adjustment period. It is concluded that the child should be constantly encouraged to overcome their challenges, under this assumption, the nursery in its activities, should mediate this stimulation in the treatment of children in the first months of life.

Keywords: Child education. Adaptation. Children. Strategies.

REFERÊNCIAS

AMORIM, K. S.; VITORIA T.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C.. Rede de significações: perspectiva para análise da inserção de bebês na creche. **Cadernos de Pesquisa**, n. 109, p. 115-144, março, 2000.

BASSEDAS, Eulália. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

LUDKE, Menga; ANDRÊ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

RAPOPORT, Andrea; PICCININI, Cesar Augusto. O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos. **Psicol. Reflex. Crit.** [online]. v.14, n.1, p.81-95, 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722001000100007>>. Acesso em: 29 set. 2007.

RAPOPORT, Andrea; PICCININI, Cesar A.. A escolha do cuidado alternativo para o bebê e a criança pequena. **Estud. psicol.**, Natal, v.9, n.3, p. 497-503, 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300012>>. Acesso em: 29 set. 2007.

RAPOPORT, Andrea; PICCININI, Cesar A.. Concepções de educadoras sobre a adaptação de bebês à creche. **Psic.: Teor. e Pesq. [online]**. v.17, n.1, p.69-78, 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722001000100010>>. Acesso em: 29 set. 2007.

_____. **Adaptação de bebês à creche: a importância da educação de pais e educadores**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

_____. **O dia a dia na Educação Infantil**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação 2014.

RIZZO, G.. **Creche: Organização, Currículo, Montagem e Funcionamento**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/vigo.html>>. Acesso em: 10 out. 2015.

VITTA, Fabiana C. F.; EMMEL, Maria Luisa G. **A dualidade cuidado x educação no cotidiano do berçário**. Tese de Doutorado em Psicologia. Universidade Federal de São Carlos, 2003. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v14n28/07.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2015.

WINNICOTT, D W. **A criança e seu mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

Correspondência:

Lariza Worst. Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: iza_worst@hotmail.com

Recebido em: 30 de março de 2016.

Aprovado em: 17 de maio de 2016.